

BRUCE PEREIRA LOBO

**A IMPORTÂNCIA DA ARTE POPULAR PARA O RESGATE DA IDENTIDADE  
CULTURAL NO CONTEXTO DA ARTE/EDUCAÇÃO**

BRASÍLIA

2013

BRUCE PEREIRA LOBO

**A IMPORTÂNCIA DA ARTE POPULAR PARA O RESGATE DA IDENTIDADE  
CULTURAL NO CONTEXTO DA ARTE/EDUCAÇÃO**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas, habilitação em licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador(a): Prof.(a) Me.(a) Lisa Minari Hargreaves

BRASÍLIA

2013

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>1 – UM CAMINHO A TRILHAR.....</b>	<b>5</b>
<b>2 – CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DA ARTE.....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 – Origem, desenvolvimento e atualidade.....</b>	<b>9</b>
<b>2.2 – Legislação da arte-educação.....</b>	<b>12</b>
<b>3 – A IMPORTÂNCIA DA ARTE E CULTURA POPULAR BRASILEIRA.....</b>	<b>15</b>
<b>4 – A IMPORTÂNCIA DA ARTE POPULAR NA ARTE/EDUCAÇÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>5 – METODOLOGIA UTILIZADA.....</b>	<b>24</b>
<b>6 – PROPOSTA NA ARTE/EDUCAÇÃO.....</b>	<b>26</b>
<b>6.1 – Programa de disciplina.....</b>	<b>27</b>
<b>6.2 – Planos de aulas.....</b>	<b>29</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>43</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>46</b>

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem - I</b> .....	<b>34</b>
<b>Imagem - II</b> .....	<b>38</b>
<b>Imagem - III</b> .....	<b>38</b>
<b>Imagem - IV</b> .....	<b>38</b>
<b>Imagem - V</b> .....	<b>39</b>
<b>Imagem - VI</b> .....	<b>39</b>
<b>Imagem - VII</b> .....	<b>39</b>
<b>Imagem - VIII</b> .....	<b>40</b>

## INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso surgiu devido à minha vontade em trazer questionamentos em relação à Arte e Cultura Popular. Trata-se do quanto de minha prática em sala de aula tive que trabalhar com os alunos sobre o tema arte popular. Conforme pesquisava e desenvolvia as propostas para as aulas, fui percebendo as inúmeras possibilidades que se poderia ter no trabalho com o tema, com o objetivo de prepará-lo em campo de grande importância para a formação do saber do aluno.

Dediquei-me à pesquisa teórica acerca da importância da Arte e Cultura Popular, além do próprio acervo de arte popular com suas respectivas obras e artistas, investigando e analisando as várias possibilidades de definir e compreender a importância de se valorizar uma produção popular. Faço valer também a importância que se deve atribuir à arte popular brasileira em sala de aula, apoiando-me para tanto nos Parâmetros Curriculares Nacionais e Orientações Curriculares para trabalhar o tema Arte e Cultura Popular como resgate de identidade cultural no contexto escolar, onde proponho que se analise mais profundamente o contexto popular para melhor compreensão da manifestação cultural nacional.

Abordo este tema também a fim de contextualizar a origem da arte no Brasil, apontando momentos que, através da grande diversidade que no país, se consolidou, foi desenvolvendo-se uma grande manifestação cultural que vem sendo esquecida ou modificada. Mas há também o grande interesse de algumas pessoas do meio cultural na tentativa de conservação e efetivação da produção popular. Ainda é possível encontrar uma minoria no meio popular que tenta resgatar o que sobrou das tradições vigentes no passado, onde muito da história do povo brasileiro é registrada.

E com a motivação de poder trazer essa possibilidade de resgate das manifestações populares, venho abordar propostas de aulas com o objetivo de fazer análise e contextualização da arte popular para o entendimento e a valorização da Arte e Cultura Popular Brasileira.

Meu apoio vem da utilização da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, que tanto me orienta através de seus escritos e ensinamentos. Farei uma proposta onde acredito poder trabalhar com arte popular e conhecer suas possibilidades transformadoras na arte/educação. Estabelecerei e analisarei os resultados de minha prática em sala, onde preparei e executei um programa de disciplina e planos de aulas, pelos quais tento alcançar metas, sabendo entretanto que novas possibilidades poderão surgir, já que meu trabalho e pesquisa teórica se desenvolveram depois da minha experiência em estágio supervisionado III.

## 1 - UM CAMINHO A TRILHAR

Aqui contarei um pouco das minhas vontades como aprendiz e futuro educador de artes. Na minha infância sempre gostei de brincar de escolinha com minhas irmãs e primos, onde eu sempre preferia ser o professor. Sempre gostei também de desenhar, de observar os objetos e paisagens e depois reproduzi-los. Meu pai, Nasa Lobo, foi quem me influenciou muito na arte, pois ele nunca frequentou um curso de arte e nem cursou uma faculdade, mas a sua aptidão para o desenho, a pintura e a escultura era, e ainda é, muito grande. Tenho grande admiração por ele, e foi quem me ensinou a amar a arte. Depois, na minha adolescência, quando chegou a hora de decidir o que fazer para o meu futuro, pensei: gosto da ideia de dar aula, e gosto muito de arte, então posso ser professor de artes visuais. Fiquei sabendo do curso de licenciatura em arte pela Universidade de Brasília, então tratei de estudar e me preparar para a prova de habilidade específica, logo depois passei na prova específica, porém tive que prestar duas vezes para o vestibular até passar. Então, no primeiro semestre de 2008, comecei a estudar na Universidade de Brasília, fazendo licenciatura em Artes Plásticas. No curso pude aprender a desenvolver uma visão mais ampla e diferente da que eu tinha sobre artes. Conhecer outros artistas, outras técnicas e outras possibilidades, foi e tem sido muito importante e valorizador da minha formação acadêmica.

Atualmente me encontro no último semestre em licenciatura. Pude, nesses 5 anos, aprender tanta coisas que parece até difícil resumir aqui, posso entretanto garantir a minha satisfação. O curso de Artes Plásticas, não é somente para o ingresso de uma pessoa em um tipo de profissão, mas é, sobretudo, um curso que transforma o indivíduo, apresentando-lhe muitas possibilidades e conhecimentos. A arte possui vínculo muito grande com a filosofia, com a história, com a sociologia, com a psicologia, com a comunicação, com a literatura, com a antropologia, e muitas outras áreas do conhecimento. Ela está no berço da origem do

homem, é a partir dela que compreendemos muito sobre o comportamento do homem e o seu desenvolvimento na sociedade. Aprendemos e aprofundamos sobre a arte, e sabemos do grande arremate que existe relacionado a ela, como as artes visuais, as artes cênicas, as artes musicais etc. Acredito que o curso de artes na UnB, se torna mais enriquecedor pelo fato de nós alunos termos a possibilidade de conhecer um pouco das outras áreas de conhecimento, e conhecer pessoas de diferentes cursos e ideologias. Pude, nesses anos, agregar à minha formação no curso, conhecimentos que só me farão melhor como profissional.

Aprecio muito a prática artística, mas também dou muita importância à teoria. O que mais me fascina são as aulas de história da arte, desde a antiga à contemporânea, pois, como disse anteriormente, gosto de compreender o comportamento e o desenvolvimento do homem, pelas suas atitudes a cada conquista e luta. Acredito que, dessa forma, podemos ter melhor compreensão, das antigas civilizações às atuais. Torna-se também mais claro que a cada época e cada localidade correspondem diferentes formas de agir, de se comportar. Além do mais pude enxergar e compreender o conceito de cultura, com o apoio da disciplina de Elementos de Linguagem e Cultura Popular no Departamento de Artes Visuais; e também com a disciplina Introdução à Antropologia do Departamento de Antropologia, fazendo relação com todas as outras disciplinas que julguei me atrair para a questão da importância e a compreensão em torno da cultura. Esta que resgata tanto do conhecimento de uma civilização e/ou sociedade, onde através dela podemos compreender o contexto e a história de pessoas e o seu meio.

A partir de meu primeiro contato com o contexto escolar, acontecido em Didática Fundamental da Faculdade de Educação, pude compreender os fundamentos e objetivos da escola para a formação de futuros cidadãos; e experimentar como elaborar um programa de disciplina para sala de aula. Essa minha primeira experiência foi numa escola pela qual me apaixonei, a Escola Parque 210/211. Nela pesquisei e descobri, e isso foi o que me atraiu nessa escola: o fato das escolas parques terem sido idealizadas por Anísio Teixeira, vinculadas a um projeto originado na Bahia e trazida a Brasília como um método inovador para a valorização da arte visual, arte cênica, música e educação física unificados em uma escola específica. Foi também nessa escola que pude fazer minha primeira experiência de estágio supervisionado. Gostei, particularmente, do fato das escolas parques se dedicarem mais intensamente às artes e projetos afins, na qual o professor não precisaria se preocupar com as outras disciplinas talvez com mais “importância”, e assim, subjugar e atrapalhar o

percurso natural da disciplina de Arte. E, além do mais, havia laboratórios e salas apropriados para um trabalho regular com os alunos.

Infelizmente não pude fazer meu estágio supervisionado 2 e 3 na Escola Parque citada, pois a mesma, nos anos seguintes, não ministrava mais as séries finais do ensino fundamental, estágio exigido para os alunos de licenciatura. Por isso procurei outra escola próxima à UnB, e encontrei o Centro de Ensino Fundamental GAN, no qual pude praticar o restante dos estágios. Nessa escola percebi boa gestão no geral, porém fiquei frustrado com o pouco valor que se dava às aulas de artes visuais, pois não havia uma sala apropriada, não se dispunha de uma pia para trabalhar com tinta, ou espaço suficiente para atividades práticas, e mesmo as aulas teóricas eram prejudicadas, pois não havia um retroprojetor, e sim uma televisão de plasma de má qualidade para a apresentação de imagens e vídeos. Detalhe fatal: essa televisão ficava em uma sala grande que era, ao mesmo tempo, uma biblioteca, um laboratório de informática e sala de áudio e vídeo. Tudo isso era um problema; não havia lógica nessa sala. Mas, enfim, em meio a todo esse contexto, fiz o possível para ministrar minhas aulas.

Em meu estágio supervisionado 3, em que o estudante deve ministrar aulas em sala, fui orientado pelo professor da disciplina de artes visuais a dar continuidade ao conteúdo previsto de acordo com as Orientações Curriculares para a série. A série era a 6ª e eu teria que trabalhar com os alunos sobre a arte popular brasileira, falando do folclore, de artistas populares, das técnicas utilizadas pelos mesmos e sua importância, história e contexto. Eu queria trabalhar com alunos de forma mais apropriada, queria que eles não somente conhecessem artistas populares e suas obras, mas que tivessem contato com a obra, se possível até mesmo prestigiar pessoalmente uma delas. Entretanto isso não foi possível, mas fiz o possível para que eles tivessem a consciência acerca da valorização das artes populares. Gostaria que eles pudessem analisar criticamente uma obra e todo o seu contexto dentro de uma organização ou grupo, onde se pudesse compreender a sua importância para o conhecimento, e depois ainda poder praticar e criar sua própria obra, em que conseguissem representar a sua compreensão do motivo que levava o artista popular a criar algo.

No processo de criação de aulas, desde o programa de disciplina até os planos de aulas, tive uma motivação e o privilégio de trabalhar com os alunos, um assunto que acredito de suma importância para a formação dos alunos. Saber reconhecer e valorizar a sua cultura, e respeitar a do outro, e poder reconhecer e identificar afinidades e refletir diante das diferentes possibilidades; eu queria que isso acontecesse em sala de aula. A arte voltada para a cultura



popular brasileira, foi para mim, um instrumento de descoberta e reconhecimento que me colocou diante de grandes reflexões, juntamente com os alunos. A respeito da arte popular, uma melhor importância deveria se dar ao seu verdadeiro valor por parte da sociedade, pois é considerada como um tipo de arte não muito usual e feita por uma minoria. Mas isso, para muito teóricos e amantes da arte popular, não é motivo para menosprezo, pois se trata de um conhecimento como qualquer tipo de cultura e arte. Quero, através do meu trabalho e da minha prática em sala de aula, mostrar a possibilidade de uma aproximação mais direta com a arte popular, onde os alunos possam conhecer as obras dos artistas populares, o contexto de sua obra, e sua importância como produção artística. O aluno poderá aprender a analisar as obras populares bem como analisar uma obra de Leonardo da Vinci, e assim poder ter mais interesse e entendimento sobre aquela obra. A partir daí o aluno conhecerá as obras, seus respectivos artistas e a sua colocação no meio cultural. De acordo com o significado de cultura, que é o de cultivar, e segundo Edward Tylor (1832): “tomando em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR *apud* LARAIA, 2005, p. 25). Ou seja, significa que um conhecimento para a sociedade e para a cultura popular é aquele conhecimento ligado ao povo, ligado às pessoas que estão em grande maioria em sociedade.

## 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DA ARTE

### 2.1 - Origem, desenvolvimento e atualidade

Hoje objetos esculpidos em pedras, artefatos de madeira e cerâmica encontrados a partir de escavações arqueológicas, pinturas rupestres em cavernas, revelam que no Brasil já havia habitantes “primitivos” que, assim como os “primitivos”<sup>1</sup> na história geral no mundo, praticavam rituais e tinham hábitos de manifestações artísticas, que ajudaram na atualidade, antropologicamente, a compreender a origem e o contexto em que esses habitantes viviam.

Com o descobrimento do Brasil no século XVI, foi possível entrar em contato com os habitantes indígenas que já viviam nessa terra recém descoberta. Esse povo vivia de uma forma considerada “primitiva” pelos portugueses, mas eram os verdadeiros donos de uma terra onde havia ouro e beleza natural. Os índios tinham sua própria cultura, e suas manifestações artísticas eram representadas nas pinturas em seus próprios corpos, cestarias, vasos de barro, enfeites para o corpo, redes para dormir, máscaras, artefatos de madeira, de osso, de pedra; eram também representadas em danças que faziam parte de cerimônias ritualísticas.

Os colonizadores portugueses quiseram explorar e colonizar essa terra; ganhar a confiança dos indígenas, acabando aos poucos com a tradição cultural vigente e impondo a cultura europeia através da educação trazida pelos Jesuítas, que conseguiram ter a subordinação dos índios para educá-los, em vez de deixá-los a mercê do trabalho escravo do português. Inicialmente, os Jesuítas ensinavam o básico das ciências humanas e exatas, mas a

---

<sup>1</sup>Primitivo: De primeira origem: original, inicial. Dos primeiros tempos: primordial, primeiro. Que não é derivado: básico, primário (FERREIRA, 1985, p. 1375).

arte já estava incluída, mesmo sendo vinculada à arte europeia e, principalmente, à religião católica que constituía o conteúdo principal a ser ensinado. Sobre a estrutura do ensino jesuítico, Ana Mae Barbosa reitera que:

A estrutura do ensino jesuítico se compunha de quatro cursos delineados no *Ratio Studiorum*, obra do Padre Geral Claudio Aquaviva publicada em 1599. No Brasil, o que mais se propagou foi o curso de letras humanas, dividido em três classes: gramática, retórica e humanidades que correspondiam ao *Trivium*, isto é, ao currículo das artes literárias ou letras da Paideia (gramática, retórica e dialética) ficando o *Quadrivium* ou currículo de Ciências quase inexplorado. As atividades manuais eram rejeitadas nas escolas dos homens livres e primariamente exploradas em função do consumo nas missões indígenas e no treinamento dos escravos (BARBOSA, 2010a, p. 22).

A princípio a produção artística no Brasil não tinha grande destaque, pois o enfoque era dado às atividades ligadas à exploração da terra. Só veio a se destacar por vínculos religiosos, pois a Europa estava em crise com a Reforma Protestante.

No Brasil, do século XVII, foram construídas muitas igrejas com as características do movimento Barroco, com esculturas, pinturas e detalhes de objetos feitos por artistas vinculados ao clero, geralmente estrangeiros, contratados para dar destaque às igrejas e atrair a atenção de fieis. O movimento Barroco fora uma reação ao classicismo renascentista e visava a ênfase na expressão da forma e a falta de simetria.

Com a emancipação crescente da colônia no Brasil, a arte e a cultura vieram se concretizando, com a influência negra, trazida da África pelos africanos vindos para trabalhar como escravos, e também, de influência estrangeira, além da portuguesa, que vinha para ter uma nova oportunidade na colônia. Muitos artistas mestiços desconhecidos começaram a fazer parte desse acervo cultural. Artistas esses que tinham vínculo religioso ou de produção artesanal, mas que eram vistos como meros oficiais mecânicos que faziam parte da classe subalterna da sociedade sem grande valorização. Sobre isso, Ana Mae Barbosa considera que:

Aqui chegando, a Missão Francesa já encontrou uma arte distinta dos originários modelos portugueses e obras de artistas humildes. Enfim, uma arte de traços originais que podemos designar como barroco brasileiro. Nossos artistas, todos de origem popular, mestiços em sua maioria, eram vistos pelas camadas superiores como simples artesãos, mas não só quebraram a uniformidade do barroco de importação, jesuítico, apresentando contribuição renovadora, como realizaram uma arte que já poderíamos considerar como brasileira (BARBOSA, 2010a, p. 19).

Assim, o Brasil aumentava sua diversidade de povos e culturas que foram se destacando e miscigenando. Pois mesmo com esse rigor de uma arte que tinha um espaço

valorizado e reservado, a arte popular e clandestina vinha cada vez mais se expandindo com descendência africana, indígena e estrangeira. Já no século XVIII, destacam-se alguns artistas brasileiros que tinham grande fama pela sua arte, como exemplo: Aleijadinho, um mestiço que deu um forte carácter brasileiro à sua produção, deixando de lado um pouco o vínculo português, em suas esculturas.

O Barroco então, manifestou-se como estilo dominante, tendo sua principal repercussão na arquitetura e escultura. Em 1816, foi instituída a primeira Academia Real de Belas Artes, e o neoclassicismo evidencia-se subsequentemente com a chegada dos artistas franceses após a fuga de D. João VI. Entre estes artistas estavam desenhistas, pintores, escultores e arquitetos que construíam à moda europeia, obedecendo ao estilo “novo clássico”, ou seja, a retomada do estilo clássico da antiguidade greco-romana.

Inicia-se então uma fase acadêmica, quando ao Brasil usufruía de certa prosperidade e o imperador passou a incentivar um desenvolvimento cultural mais sólido. Neste período os padrões de beleza da Academia de Belas Artes sugerem que o artista não deve imitar a realidade, mas tentar recriar a beleza ideal em suas obras, por meio da inspiração dos clássicos.

Apesar de tardio, o modernismo brasileiro foi um movimento cultural que repercutiu fortemente no cenário artístico e na sociedade vigente. O fenômeno propriamente dito, iniciou-se com a semana da arte moderna de 1922, onde as tendências da arte moderna surgida na Europa após a primeira guerra mundial influenciaram a maneira de compreender e manifestar o mundo. Essa nova tendência buscava a novidade e a revisão dos valores, ou até mesmo a extinção dos mesmos. Apesar do modernismo brasileiro ter assimilado bem esses propósitos, esses foram rearranjados para ajustarem-se à realidade brasileira. Aqui os artistas valiam-se de toda liberdade para expressarem-se, e por isso, a semana de arte moderna recebeu duras críticas da burguesia.

Posteriormente o pós-modernismo tomou cena, caracterizado pelo mundo financeiro do capitalismo. O termo é controverso e não se pode definir exatamente seus limites ou sua aplicação verdadeira. Hoje ainda se pergunta se vive uma pós-modernidade ou uma contemporaneidade, mas, é nesta época que o artista transcende os meios e a si próprio, a descoberta e utilização de novas linguagens cria um ambiente conceitual, onde a ideia pode valer e dizer mais do que o objeto pelo qual se manifesta.

A arte se modifica a medida que há transformações ideológicas, tecnológicas, culturais e sociais. É dinâmica e, assim como se nutre do contexto de época que transcorre, desenvolve artisticamente para aquele mesmo lugar/tempo, construindo também a própria história humana. A arte existe desde que o ser humano existe, desde a chamada “Pré-História” e nunca mais deixou de existir. Ela é parte intrínseca (e um pouco misteriosa) da compreensão do que é ser humano. A função que a designa se modifica ao longo do tempo, ou seja, poderia ser simbólica, mágica, forma de registro, de contestação etc. A arte de hoje (contemporânea) não precisa ter necessariamente função social, política e tampouco exaltar o belo. A arte ganha esse carácter profundamente subversivo e, às vezes, irreverente.

Podemos evidenciar então, a respeito da possibilidade de trabalhar a não alienação e a liberdade de ação, a expressão da arte popular, que resgata a cultura popular do país e a identidade cultural. O processo de transformação e desenvolvimento industrial no Brasil limitou muito o trabalho manual e as práticas tradicionais, fazendo com que novas tendências e práticas pudessem desvalorizar as já vigentes. A medida em que a sociedade brasileira vem se desenvolvendo e se modificando, vem também tentando resgatar a cultura dos povos que mantiveram as suas tradições. Estas representam o percurso percorrido até chegar onde chegamos, onde se poderá perceber a cultura do país com influência indígena, africana e outras; e não se verá por completo o peso da globalização internacional corromper as identidades do país.

## **2.2 - Legislação da arte-educação**

Pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte é incluída no currículo escolar em 1971, porém, não é entendida como disciplina e sim como “atividade educativa”, deixando o lugar das artes na escola muito vago e sem objetivos. Apesar da implementação da Educação Artística, como foi nomeada, foi importante para dar base legal para a importância das artes na formação de indivíduos, porém os professores não estavam devidamente habilitados para ser arte-educadores, tampouco capacitados para dar aula em Artes Visuais, Educação Musical e Artes Cênicas, como o currículo exigia dos professores da Educação Artística. Sobre isso Ana Mae Barbosa diz:

Artes têm sido matéria obrigatória em escolas primárias e secundárias (1º e 2º graus) no Brasil já há dezessete anos, Isso não foi uma conquista de arte-educadores brasileiros, mas uma criação ideológica de educadores norte-americanos que, sob um acordo oficial (Acordo Mec-Usaid), reformulou a educação brasileira, estabelecendo em 1971 os objetivos e o currículo configurado na Lei Federal n.5.692 de Diretrizes e Bases da Educação (BARBOSA, 2012, p. 9).

Nesse contexto não havia cursos de arte-educadores nas universidades, apenas cursos para preparar professores de desenho, principalmente desenho geométrico. É importante lembrar que fora das universidades, havia o movimento das Escolinhas de Arte, que tentava desde 1948 a autoexpressão da criança e do adolescente através do ensino das artes. Essas também ofereciam curso de arte/educação para professores e artistas. Apesar dessa formação a partir das “escolinhas” o governo não admitiu esses profissionais para lecionarem como professores de arte, pois exigiam o grau superior universitário. Em 1973 o governo federal decidiu criar um novo curso de formação de professores para as disciplinas de educação artística criada pela nova lei. Mas o curso tinha a duração de apenas 2 anos e, nesse curto período, o professor teria que ser capaz de realizar a polivalência, ou seja, abranger a música, cênicas, visuais, desenho, dança e desenho geométrico, tudo ao mesmo tempo, da primeira à oitava série.

Após 1983, a preocupação no país era a reconstituição da democracia, depois da libertação do autoritarismo do regime militar, com a campanha de uma nova Constituição. A Constituição da Nova República de 1988 menciona cinco vezes as artes ligadas à proteção de obras, liberdade de expressão e identidade nacional. Na seção sobre educação, artigo 206, parágrafo II, a Constituição determina: “O ensino tomará lugar sobre os seguintes princípios: ...II – Liberdade para aprender, ensinar, pesquisar e disseminar pensamentos, arte e conhecimento” (OLIVEIRA; ADRIÃO, 2007, p. 46). Isso foi uma conquista de arte-educadores que lutaram para conseguir com deputados que estavam envolvidos na responsabilidade do delineamento da Constituição (BARBOSA, 2012).

Na década de 1980 os professores de arte se organizaram para promover encontros e debates acerca da valorização e profissionalização do professor de artes. Esse movimento, chamado de arte-educação, foi co-desenvolvido por projetos de pesquisas em cursos de pós-graduação, possibilitando o surgimento de novas concepções para metodologias para o ensino e a aprendizagem das artes nas escolas.

Após a promulgação da Constituição (1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional entra em discussão novamente para somente ser mencionada em 1996. Houve

manifestações em prol da obrigatoriedade do ensino das artes na educação básica. Com a entrada da Lei nº 9.394/96, “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (artigo 26, parágrafo 2º), o objetivo das manifestações é alcançado e o ensino das artes na escola básica é oficializado (BARBOSA, 2012).

Durante as décadas de 1980 e 1990 desenvolveram-se pesquisas no sentido de compreender a maneira com que artistas de todas as idades adquirem suas respectivas habilidades, o que influenciou as novas propostas pedagógicas que passaram a considerar o processo do ensino das artes, bem como os conteúdos a serem abordados. As propostas para o novo século priorizam visão mais geral da arte. Onde a educação para uma cultura visual (estética do cotidiano, cultural e contextualizado), aliada a uma educação artística (de conteúdos mais intrinsecamente ligados às questões da própria arte) são abordados conjuntamente. Assim o aluno poderá elaborar sua sensibilidade estética e adquirir conhecimento sobre a história da arte.

### 3 - A IMPORTÂNCIA DA ARTE E CULTURA POPULAR BRASILEIRA

“Nem todas as culturas são “ricas”, nem todas são herdeiras diretas de grandes sedimentações. Cavocar profundamente numa civilização, a mais simples, a mais pobre, chegar até suas raízes populares é compreender a história de um País. E um País em cuja base está a cultura do povo é um País de enormes possibilidades.”

LINA BO BARDI, 1994, p. 20.

A Cultura pode e deve ser valorizada e compreendida por todos, não somente por estudiosos, mas também por pessoas que se interessam pela sua identidade cultural e gostariam de conhecer e compreender a do outro. Todos temos o direito de poder pesquisar, conhecer e chegar a valorizar e respeitar a cultura do outro. No estudo da arte e cultura popular, a importância que se deve empregar é a mesma que se poderia dar à cultura considerada erudita, pois a cultura popular é algo que leva o indivíduo a enxergar e reconhecer sua identidade cultural no país. A cultura popular está mais relacionada à tradição de um povo, como se essa fosse um resíduo da cultura “cultura” de outras épocas, às vezes, de outros lugares, filtradas pelas sucessivas camadas da estratificação social. Como diz Antônio Augusto:

Pensar a “cultura popular” como sinônimo de “tradição” é reafirmar constantemente a ideia de que sua Idade de Ouro deu-se no passado. Em consequência disso, as sucessivas modificações por que necessariamente passaram esses objetos, concepções e práticas não podem ser compreendidas, senão como deturpadoras ou empobrecedoras. Aquilo que se considera como tendo vigência plena no passado só pode ser interpretado, no presente, como curiosidade. Desse ponto de vista, a “cultura popular” surge como uma “outra” cultura que, por contrastes ao saber culto dominante, apresenta-se como “totalidade” embora sendo, na verdade, construída através da justaposição de elementos residuais e fragmentários considerados resistentes a um processo “natural” de deterioração (ARANTES, 1987, p. 17-18).



Não havia distinção clara em épocas mais remotas sobre a produção erudita e popular, essa diferenciação nasce nesse período mais moderno, com aparecimento do capitalismo e da divisão da sociedade em classes.

Um dos grandes questionamentos sobre a Arte e Cultura Popular é sobre qual é a diferença entre a arte popular e artesanato, já que parecem ter o mesmo valor, mas historicamente o termo arte popular é muito mais valorizado do que o de artesanato. Sobre a diferença Jacques Van de Beuque<sup>2</sup>, após grande contato com produções de artesãos e comunidades de tradições populares, diz “O objeto da arte popular, uma vez acabado, já exerceu sua função. Ele é fruto de uma expressão artística, existe para ser visto, enquanto o produto de artesanato começa a cumprir seu papel depois de pronto. Esse é um objeto de uso, só existe para ser utilizado” (BEUQUE, 2000, p. 64). Beuque quis dizer que o objeto popular teve sua função dentro de um grupo ou comunidade popular, mas o produto artesanal não requer necessariamente uma relação com o meio popular, mas tem a ver com o modo como foi feito, bem como com o material utilizado para o mesmo.

Outra expressão para conceituar o objeto popular, seria o da produção “primitiva” ou “primitivista”<sup>3</sup>, sendo também associada ao povo. Três pontos qualificam essa noção de popular: o primitivismo, o comunalismo e o purismo. Primitismo quer dizer respeito à tentativa de localização da origem das expressões populares em um tempo remoto. Comunalismo é a teoria formulada pelos Irmãos Grimm, segundo a qual a poesia floresce espontaneamente, não existindo ator e estilo individualizado. Purismo fala das qualidades da produção popular como expressão da natureza inculta, simples, instintiva e irracional do

---

<sup>2</sup> Nascido em Bavay, no norte da França, em 1922, Jacques Van de Beuque cursou Belas Artes em Valenciennes e Lyon. Em Paris, conhece o pintor brasileiro Cândido Portinari. Ficam amigos, conversam sobre seus respectivos sonhos. Ouvindo-o, Portinari lhe diz: – “Vá para o Brasil. O Rio de Janeiro é lindo, tem sol, tem cores e as pessoas são muito receptivas!”. Com essas poucas informações Jacques embarca para o Brasil. Desde sua chegada, Van de Beuque apaixonou-se pelos objetos feitos pelas pessoas simples do povo. Começa então a viajar e adquirir obras, visita vilas e povoados, entrevista artistas e deixa-se cativar por suas vidas. Desenvolve com alguns artistas longas amizades. Ao cabo de quarenta anos constitui o mais consistente acervo da arte popular produzida na última metade do século XX (MASCELANI, 1999, p. 126-127).

<sup>3</sup> Formou-se, nesses últimos vinte anos no Brasil, relevante interesse pela produção artística de caráter “primitivista”. Refere-se mais à produção do artista que absorve o estilo e os caracteres da arte do “primitivo” cultural, de modo consciente e mesmo maneirístico, procurando obter a aceitação e o aplauso de um público que parece inspirado por um sentimento romântico. Uma vez identificado o artista desta atitude consciente e bem determinada, passamos a considerá-lo como “primitivista”, *naïf*, “ingênuo”, ou qualquer outra designação desse curioso gênero, e não mais “primitivo”. Primitivista corresponde, portanto, àquele que se utiliza das características da construção artística do genuíno, fora das naturais motivações e muito além das áreas culturais do consumo de que este último dispõe (VALADARES, 2000, p. 92).

próprio povo. Significa dizer que certas “raças” ou “grupo” continuaram a “evoluir” enquanto outras continuaram em um “estágio primitivo”, pois continuaram a perpetuar tradições de uma época remota, e não passariam para um novo estágio de civilização (GUIMARÃES, 2011).

A cultura do “povo” estava ligada à ideia de autêntico, enquanto que erudita representaria algo institucionalizado, mas como a massa de pessoas aumentou nas cidades, essa distinção é reelaborada em outras formas de polarizações, como por exemplo, culta e inculta. Para estudiosos do século XIX, a cultura folclórica sofria a ameaça de desaparecimento pela causa do surgimento do avanço da industrialização e modernização da sociedade, e a categoria de arte popular passaria a ser associada à população de áreas rurais ou distintas. O que se entende, é que o “povo” não mais seria a massa da cidade, mas seria essa civilização popular, longe dos parâmetros da sociedade “cultura”, de uma civilização que tem maior facilidade de frequentar e desenvolver uma cultura erudita (GUIMARÃES, 2011).

A arte popular não é e não deve ser considerada arte menor, por se tratar de uma produção pertencente a pessoas que não tiveram formação acadêmica e por não seguirem os parâmetros tradicionais e clássicos da estética artística. Elizabeth Travassos diz:

Há uma multiplicidade de “artes” que se fazem sem qualquer dependência dos mundos artísticos instituídos; e nem por isso são artes menores. Nelas podem residir alternativas que a arte oficial desconhece. Sob outra perspectiva, as artes populares são versões empobrecidas ou desatualizadas das congêneres em meios eruditos (TRAVASSOS, 1999 p. 7).

A “arte primitiva” termo que surge no século 20, corresponde ao surgimento de uma atitude de valorização das formas de arte arcaicas, populares ou antigas, ligadas ao despertar da sensibilidade ocidental para as artes da África negra e da Oceania. Quer dizer que faz referência a uma produção menos sofisticada, aplicada ainda a arte pré-colombiana. Assim como a arte *naif*, a arte popular tem a característica de ser ingênua, pura e simples. No Brasil, o culto ao primitivo recebeu novas elaborações durante o século, em inúmeros contextos diferentes. Gilberto Freire e a teoria da mestiçagem (1926); o Movimento Modernista (1922); as campanhas folcloristas; Getúlio Vargas e o populismo (1930), constituem momentos marcantes da elaboração interna desse conceito. Deixando clara a posição entre a vida rural e a urbana, a literatura elege o sertanejo, o caipira, o interiorano e suas variantes como os personagens típicos do país. Ao passo que, se o primitivo representa o autêntico e puro, também evoca certa estagnação e a fixação num estágio inferior (GUIMARÃES, 2011).

Dessa forma será comum designar como arte primitiva, folclórica ou popular uma gama imensa de produtos toscos ou refinados (cestarias, tapeçarias semi-industrializados ou não, crochê, tricô, reaproveitamento de embalagens, e uma infinidade de objetos feitos com estas técnicas), e vendidos em circuitos periféricos, em bazares privados ou em associações de artesãos, apenas por terem sido feitos à mão e não evocarem qualidades estéticas e criativas do meio popular. Observa-se que há um grande conflito em compreender e aceitar a autenticidade de uma produção popular, por haver classificações e divisões, ditas anteriormente. As definições não devem ser mais relevantes que o respeito e a consideração em volta das práticas manuais que evoquem formas primitivas. O que é evidente em tudo é a definição que vem sendo elaborada, a da divisão de arte (cultura x inculta) e a existência de tensões nas relações entre os diferentes grupos e camadas sociais (MASCELANI, 1999).

Quando se depara com trabalhos manuais como, por exemplo, na Feira de Artesanato da Torre de TV em Brasília, conhecida antigamente como feira *hippie*, fica a indagação: o que é vendido por lá, é proveniente de uma cultura popular, ou é somente uma apropriação da produção artesanal sem vínculo artístico popular? Nada posso responder ou afirmar, mas posso e quero considerar o valor de liberdade e autonomia cultural que as pessoas podem ter diante de suas escolhas em criações manufaturadas ou até mesmo semi-industrializadas para o cultivo de suas ideias em torno do não padronizado e formalizado no culto. Malba Aguiar e Mercê Parente têm a dizer dessa valorização cultural na capital do país:

Nos primeiros cinco anos, após a inauguração da capital, a oferta de ocupação na construção civil absorvia a mão de obra. As primeiras manifestações quanto à produção artesanal estavam circunscritas àquelas resultantes dos movimentos de contracultura, designados como movimento hippie, trabalhos manuais que, na sua maioria, se confundiam com a produção artesanal. De outra maneira, começaram a emergir do universo dos trabalhadores os artistas populares. Estes identificaram no cerrado a oportunidade de obtenção da matéria-prima e passaram a produzir com a utilização de frutos, sementes, flores, raízes etc. Surgiu então, na metade da década de 60, a “Feira Hippie”, que veio a se tornar a Feira de Artesanato da Torre de TV (AGUIAR; PARENTE, 2012, p. 41).

A importância concedida à Arte e Cultura Popular Brasileira é muito mais do que a atitude de um turista ir viajar e conhecer outra região e comprar algo artesanal para dizer que obteve algo que representasse aquele lugar. Deve-se ressaltar a importância da produção naquela região; o valor de cada manifestação feita, representa a identidade cultural desse meio, e isso tudo se reflete na identidade cultural do país. No Brasil temos, por exemplo, o artista francês Jacques Van de Beuque, que viajou pelo país, e começou a se interessar pela produção artística popular, em especial, da região nordeste, criando sua própria coleção,

depois de muitas obras apropriadas, para não dizer compradas. Hoje, localizada no Rio de Janeiro, foi fundada o museu Casa do Pontal<sup>4</sup> onde reside um enorme acervo da arte popular brasileira da coleção de Beuque. Temos então um francês o qual teve a iniciativa de valorizar e colocar à disposição do reconhecimento de todos acerca de uma preciosidade do país. Entretanto, ainda existe a desvalorização por parte de muitas pessoas em relação à arte popular. Vale ressaltar segundo Maria Angela Mascelani que:

Entretanto, apesar de reconhecida importância, a Arte Popular Brasileira é em grande parte desconhecida e subvalorizada em nosso próprio país. Apenas um número pouco expressivo de brasileiros conhece e aprecia essa produção que pode ser encontrada no interior longínquo e em pleno centro urbano, no coração das maiores cidades. As causas são inúmeras, e sem dúvida pela grande distância econômica e social entre os diversos segmentos da população e pelo preconceito das elites intelectuais, mais voltados para a criação plástica reprodutora de padrões estéticos e formais europeus-norte-americanos (MASCELANI, 1999, p. 122).

Um hibridismo cultural vem sendo desenvolvido, fato esse pelas grandes possibilidades de conhecer e exercer outros hábitos ou práticas. As referências culturais já não são as mesmas, já não pertencem a um só “lugar”. Como por exemplo a “cultura ocidental”, a “cultura brasileira”, a “cultura judaica”. O mundo inteiro está diante de mudanças que afetam a vida dos habitantes de distintos lugares. Do mesmo modo, pode-se dizer que os movimentos populares também estão interessados em modernizar-se, e os setores hegemônicos em manter o tradicional (GUIMARÃES, 2011).

A cultura intermediária está cada vez mais viva, ou seja: a cultura popular urbana e a cultura de massa. As tradições “pura” (a popular e a clássica) foram-se diluindo paulatinamente, misturando-se às vezes entre si, transformando-se ao longo do processo, gerando uma multiplicidade de formas, tanto orais como escritas e, finalmente, eletrônicas (como a cultura de massa), circulando pelas várias camadas sociais da população dos países europeus e latino-americanos até os dias de hoje (GUIMARÃES, 2011, p.45).

---

<sup>4</sup> Uma coleção reconhecida como a mais completa do gênero no país e que foi inteiramente reunida pelo artista plástico e *designer* francês Van de Beuque. Composta por cerca de oito mil peças, recobre a produção feita em toda segunda metade do século com obras representativas das variadas culturas rurais do Brasil. O museu fica em um sítio de doze mil metros quadrados na Zona Oeste do Rio de Janeiro, Recreio dos Bandeirantes (MASCELANI, 1999, p. 121).

#### 4 - A IMPORTÂNCIA DA ARTE POPULAR NA ARTE/EDUCAÇÃO

“O artista trabalha sem ver. Sua mão parece autônoma. É como o pianista, que toca com a alma, com sentimento, que não procura pelas teclas e notas para fazer sua arte. É a arte de uma vida. Eu nunca tinha visto uma pessoa pegar o barro, um material plástico e alcançar tão rapidamente formas elaboradas”

JACQUE VAN DE BEUQUE *apud* MASCELANI, 1999, p. 127.

A importância de se trabalhar as questões em torno da arte popular em sala de aula irá salientar a importância que se deve conceder à cultura popular. Pois, como foi citado anteriormente, a valorização da arte e da cultura popular se torna instrumento de construção de saber e de experiência do aluno. A arte popular tem vínculos de conhecimento do povo, aquele que detém as tradições já não muito usuais, mas que abarca muito sobre a identidade do povo e sobre sua história. A inserção da arte popular em sala de aula fará com que o aluno possa refletir diante de sua natureza, rever conceitos e poder estabelecer novas possibilidades através da arte. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A arte é um conhecimento que permite a aproximação entre indivíduos, pois favorece a percepção de semelhanças e diferenças entre as culturas, expressas nos produtos artísticos e concepções estéticas, em um plano diferenciado da informação discursiva. Nessa perspectiva, a arte na escola tem uma função importante a cumprir. Ela situa o fazer artístico dos alunos como fator humanizador, cultural e histórico, no qual as características da arte podem ser percebidas nos pontos de interação entre o fazer artístico dos alunos e o fazer dos artistas de todos os tempos, que sempre inauguram formas de tornar presente o inexistente. Cada obra de arte é, ao mesmo tempo, produto cultural de uma determinada época e criação singular da imaginação humana, cujo sentido é construído pelos indivíduos a partir de sua experiência. Por isso, uma obra de arte não é mais avançada, mais evoluída, nem mais correta do que a outra, mas tem a qualidade de concretizar uma síntese que suscita grande número de significados (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 35).

Por isso não se pode dizer que a arte popular é menos importante do que a arte erudita, pois no caso do Brasil, como foi citado anteriormente no capítulo sobre a origem da arte brasileira, o desenvolvimento da cultura do país teve grande influência de povos indígenas e africanos, que em processo de desenvolvimento concretizaram a cultura do país sobre influência popular originada e criada em solo brasileiro.

Assim como uma obra de arte pertencente ao período clássico da história da arte pode ser analisada e compreendida, uma obra, um objeto ou uma manifestação artística do povo também pode ser analisado e compreendido, já que nele também se encontram os elementos da linguagem visual podendo, assim, ser descritos, analisados e interpretados. Uma obra de arte elaborada pelo povo pode ser analisada como um agente que carrega um contexto estético, histórico e social de um povo.

O interesse pela arte do povo faz ressurgir o que foi esquecido e desvalorizado, e o que deve ser lembrado e destacado é a importância de se valorizar e resgatar o conhecimento do “outro”, esse que se tornou distante ante tanta influência cultural estrangeira e antinacional. Para isso os PCN's garantem como resgate, a temas já esquecidos e menosprezados, o tratamento de temas transversais:

As manifestações artísticas são exemplos vivos da diversidade cultural dos povos e expressam a riqueza criadora dos artistas de todos os tempos e lugares. Em contato com essas produções, o estudante pode exercitar suas capacidades cognitivas, sensitivas, afetivas e imaginativas, organizadas em torno da aprendizagem artística e estética. Ao mesmo tempo, seu corpo se movimenta, suas mãos e olhos adquirem habilidades, o ouvido e a palavra se aprimoram, quando desenvolvem atividades em que relações interpessoais perpassam o convívio social o tempo todo. Muitos trabalhos de arte expressam questões humanas fundamentais: falam de problemas sociais e políticos, de relações humanas, manifestações culturais particulares e assim por diante. Nesse sentido, podem contribuir para a contextualização dos Temas Transversais, propiciando uma aprendizagem alicerçada pelo testemunho vivo de seres humanos que transformam tais questões em produto de arte (PCN's, 1998, p.37).

Como futuro arte-educador, quero poder trazer à tona temas que poderão articular e possibilitar melhor reconhecimento da cultura popular, enfatizando por meio desta a visualidade do povo, podendo ser extensivo até ao povo de outras culturas e nacionalidades. Nesse sentido, o objetivo é poder investigar e reconhecer sua estética, contexto e questionamentos acerca de sua importância. E para isso, deverei pesquisar e formular uma apresentação visual e teórica que possa interagir diante do contexto escolar através da arte. Leda Maria de Barros Guimarães diz: “A cultura visual do povo é transversal, intra e

intercultural. Plural, híbrida, sincrética, essa cultura visual abarca um amplo leque de manifestações de arte, *design*, moda, objetos, arquitetura, danças e festas, e religiosidades que se reinventam a cada momento” (GUIMARÃES, 2011, p. 52).

A visualidade cultural do povo tem grande importância por se tratar de uma busca e reconhecimento da história da colonização, de opressão e de dualidades entre colonizador e colonizado, entre opressores e oprimidos. Evidenciará sobre os processos de resistências e de reconstrução identitária, de táticas e manhas.

O conhecimento e a curiosidade pelo outro é algo manifesto no ser humano, assim como, infelizmente, o preconceito e o desrespeito pelo outro existe. Um fato que acontece e existe em sala de aula é o fato de haver grande diversidade cultural, social, econômica, racial e outras ainda. Isso mostra que um grande cuidado e apreço deve existir em sala de aula na relação professor-alunos e entre os alunos, para que não haja conflitos entre uma grande diversidade. O tratamento sobre a arte popular acrescentará não somente como conhecimento, mas também como forma humanizadora e articuladora das questões a respeito da diversidade. De acordo com os PCN's:

A arte na escola constitui uma possibilidade para os alunos exercerem suas responsabilidades pelos destinos de uma vida cultural individual e coletiva mais digna, sem exclusão de pessoas por preconceito de qualquer ordem. O tema da pluralidade cultural tem relevância especial no ensino da arte, pois permite ao aluno lidar com a diversidade de modo positivo na arte e na vida. Na sala de aula inter-relacionam-se indivíduos de diferentes culturas que podem ser identificados pela etnia, gênero, idade, localização geográfica, classe social, ocupação, educação, religião (PCN's , 1998, p. 38, 41).

A arte, como disciplina regente das questões da cultura como um todo, deverá salientar, com a função de, mediadora e articuladora, as ideias de diferentes culturas. A arte popular dentro do âmbito de cultura proveniente de um povo, seja qual for sua origem, pertence a uma classe de reconhecimento de identidade e consolidação de uma população. O pluriculturalismo no contexto escolar, irá trazer esse reconhecimento de identidade para que seja resgatado a atenção e valorização pela arte popular como patrimônio cultural. Sobre isso os PCN's destacam que:

O pluriculturalismo no ensino de arte tem como objetivos: promover o entendimento de cruzamentos culturais pela identificação de similaridades, particularmente nos papéis e funções da arte, dentro e entre grupos culturais, reconhecer e celebrar a diversidade étnica e cultural em arte e em nossa sociedade, enquanto também se potencializa o orgulho pela herança cultural em cada indivíduo, seja ela resultante de processos de erudições ou de vivências do âmbito popular, folclórico ou étnico;

possibilitar problematizações acerca do etnocentrismo, estereótipos culturais, preconceitos, discriminação e racismo nas ações que demarcam os eixos da aprendizagem; enfatizar o estudo de grupos particulares e/ou minoritários (do ponto de vista do poder) como mulheres, índios e negros; possibilitar a confrontação de problemas, como racismo, sexismo, excepcionalidade física ou mental, participação democrática, paridade de poder; examinar a dinâmica de diferentes culturas e os processos de transmissão de valores, desenvolver a consciência a cerca dos mecanismos de manutenção da cultura dentro de grupos sociais; questionar a cultura dominante, latente ou manifesta e todo tipo de opressão; destacar a relevância da informação para a flexibilização do gosto e do juízo acerca de outras culturas (PCN's, 1998, p. 42).

Para Ana Mae Barbosa (2012), as artes populares sempre tiveram lugar de importância na suas práticas educativas, pois não as considerava menor em relação às belas artes. Na educação em artes a reivindicação da cultura local ou popular faz-se forte com a pós-modernidade no âmbito dos estudos culturais. Ana Mae não chega à arte popular a partir do reconhecimento folclórico, mas a partir da necessidade de integrar a cultura popular na educação como via de urgência, para possibilitar a recuperação da dignidade das comunidades desfavorecidas ou simplesmente oprimidas: “Uma educação libertária terá sucesso só quando os participantes no processo forem capazes de identificar seu ego cultural e se orgulharem dele” (BARBOSA *apud* ARRIAGA, 2012, p. XIX).

O direcionamento da arte/educação para a valorização e a consideração à arte popular fará com que o aluno possa valorizar a produção do povo. A cultura popular será vista como um organismo social que trará lucidez às questões de justiça, bem como às formas de sobrevivência econômica e cultural, para assim compor uma forma de viver e interagir diante de tanta transformação e desenvolvimento tecnológicos além do limite.

Em direção ao alcance desses objetivos, a sala de aula deve servir de micro-organismo para uma sociedade democrática, na qual os estudantes são capacitados a importar-se com e a aprender como cuidar do outro. Cuidar dos alunos e capacitá-los a cuidar dos outros, ajudando a criar um ambiente no qual sintam-se seguros, protegidos e onde permite que sejam otimistas, alegres, bons, visionários e positivos (MORRIS; DANIEL; STUHR, 2010b, p. 268)



## 5 – METODOLOGIA UTILIZADA

Quero poder propor um “caminho” para o estudo da arte popular em sala de aula, onde será possível o acesso às obras para assim vê-las através de imagens, e também ter um contato mais crítico com as mesmas. A análise feita pelos alunos será imprescindível para cada obra. Desejo que os alunos possam refletir diante das obras dos artistas populares, tendo um olhar crítico e compreensivo, para que não olhem as obras como sendo algo proveniente de uma realidade distante e já esquecida da deles, mas que possam enxergar a sua identidade, semelhanças e distinções. E assim, poder reconhecer a sua identidade cultural, podendo ter a possibilidade de entender o desenvolvimento de grupos de pessoas que vem construindo conhecimento e história na sociedade.

Utilizarei a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, onde o “fazer” terá influência com o “ler” e “contextualizar” e vice-versa, não haverá isolamento de uso e definição, como propõe Barbosa “ O processo pode tomar diferentes caminhos /Contexto/Fazer/Contexto/Ver ou Ver/Contextualizar/Fazer/Contextualizar/ ou ainda Fazer/Contextualizar/Ver/Contextualizar” (BARBOSA, 2012, p. XXXIII).

Meu objetivo é que os alunos possam, no momento da construção do conhecimento, poder fazer a leitura das obras apresentadas e contextualizá-las no meio vigente. O fazer será por meio da prática de obras individuais, onde também poderá realizar a autoleitura de sua obra. A leitura de obra será em torno da prática de descrição, análise e interpretação. Para isso utilizarei como método de análise de imagens os elementos da linguagem visual, para melhor entendimento da estética visual da produção popular; isso conseqüentemente irá ajudar a compreender o contexto da mesma no meio popular. Assim Donis A. Dondis afirma que:

...a natureza da experiência visual mediante explorações, análises e definições, que lhe permitam desenvolver uma metodologia capaz de instruir todas as pessoas, aperfeiçoando ao máximo sua capacidade, não só de criadores, mas também de

receptores de mensagens visuais; em outras palavras, capaz de transformá-los em indivíduos visualmente alfabetizados (DONDIS, 1997, p. 5).

Através da prática e da reflexão teórica em sala de aula e até mesmo fora dela, e podendo interagir com o conhecimento que está para todos; por meio da arte-educação, onde se aplica o estudo da cultura que abrange muitos conhecimentos, entretanto, usando como área de interesse, a das artes visuais (que acaba tendo uma interdisciplinaridade com outras áreas como música, dança, literatura, história, antropologia, filosofia, e muitos outros) quero poder abranger esses conhecimentos utilizando a arte e cultura popular, valorizando sua produção visual onde será o foco desmembrável em algo mais amplo. E a metodologia para isso acontecer será como a da experiência em sala de aula em estágio supervisionado 3, onde proponho uma forma direta de se trabalhar com os alunos o tema: arte e cultura popular brasileira, por meio das artes visuais com diferentes técnicas e materiais.

## **6 – PROPOSTA NA ARTE/EDUCAÇÃO**

As aulas seguintes são resultados das regências ministradas na disciplina Estágio Supervisionado III, e aplicadas para alunos de duas turmas da 6ª série do Ensino Fundamental. Essa experiência, vivida no segundo semestre de 2011, me fez querer pesquisar e refletir sobre a importância da Arte e Cultura Popular no contexto escolar. E nesse segundo semestre de 2012, utilizo dessa experiência de propostas de aulas em que levanto questões acerca da importância e do valor da Arte Popular Brasileira como resgate da identidade cultural dos alunos.

### **Escola**

GDF – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

Centro de Ensino Fundamental GAN

Local: SGAN 603 Módulo H – Asa Norte – Brasília/DF

Telefone de contato: (61)3901-1534/(61)3322-5529

### **Classe**

Modalidade: Ensino Fundamental

Componente Curricular: Arte

Professor de classe: Ricardo

Turno: Vespertino

Ano: 7º/ Série: 6ª

Turmas: A e D

## **6.1 – Programa de disciplina**

Centro de Ensino Fundamental GAN

Disciplina: Artes Visuais

Professor: Bruce Pereira (estagiário)

Ano: 7º

Turmas: A e D

e-mail: brucelarry@gmail.com

Período: 4º bimestre

### **I – Programa**

A disciplina irá centrar-se no estudo da Arte e Cultura Popular Brasileira e, a partir desse estudo, poder criar e recriar trabalhos práticos individuais.

### **II – Objetivo geral**

Reconhecer e compreender criticamente o valor e a importância de uma produção popular da Arte e Cultura Popular Brasileira, e desenvolver um trabalho prático que transmita o entendimento sobre o conceito e o contexto na arte popular.

### **III – Objetivos específicos**

- a) Reconhecer e compreender imagens referentes à Arte e Cultura Popular Brasileira;
- b) Descrever, analisar e interpretar as imagens da produção popular;
- c) Refletir criticamente sobre as manifestações artísticas populares;
- d) Desenvolver uma obra individual que possa sintetizar a compreensão e o entendimento sobre as obras analisadas e interpretadas.

### **IV – Conteúdo**

Introdução – Arte e Cultura Popular Brasileira

- a) Conceito de Cultura Popular
- b) Artistas - Biografias
- c) Produções - Técnicas

Leitura de Imagens

- a) Revisão sobre Elementos da Linguagem Visual
- b) Descrição
- c) Análise
- d) Interpretação

Desenvolvimento de produção Individual

- a) Apresentação de técnicas e suportes.

- b) Desenvolvimento de projetos de produções individuais.
- c) Apresentação dos trabalhos individuais.

#### **V – Metodologia**

- a) Apresentação de imagens e conteúdo utilizando *Power Point* por via do *Datashow*.
- b) Apresentação de imagens utilizando catálogos e livros de arte.
- c) Leituras de textos e leitura de imagens.
- d) Debates em sala de aula acerca das aulas expositivas.
- e) Criação e apresentação de produção individual.

#### **VI – Avaliação**

- a) Leitura de Imagens – Descrição, análise e interpretação de imagens. ----- Pontos: 4
- b) Participação e atenção nas aulas expositivas. ----- Pontos: 2
- c) Desenvolvimento e criação de produção de arte – produção (2)/apresentação (2).- Pontos: 4
- d) Nota Final. ----- Total: 10

#### **VII – Cronograma**

Aula	Conteúdo programado
Aula – 1	Revisão sobre elementos da linguagem visual
Aula – 2	Introdução – Arte e Cultura Popular Brasileira
Aula – 3	Arte Popular Brasileira – Parte 1
Aula – 4	Arte Popular Brasileira – Parte 2
Aula – 5	Descrição, análise e interpretação de imagem.
Aula – 6	Desenvolvimento de obra individual - Introdução
Aula – 7	Desenvolvimento de obra individual - Orientação
Aula – 8	Apresentação de obras individuais
Aula – 9	Apresentação de obras individuais
Aula – 10	Finalização do curso e entrega de notas

#### **VIII – Bibliografia**

- Revista do Patrimônio** – Histórico e Artístico Nacional (Arte e Cultura Popular) Nº 28/1999. (Organização *Elizabeth Travassos*).
- Arte Popular** – Mostra do Redescobrimento Brasil 500 é mais (Associação 500 anos Artes Visuais Brasil) 2000.
- Um conceito em perspectiva** – Museufrobrasil – Secretaria municipal de cultura (Instituto Florestan Fernandes). (Organização *Emanoel Araujo*).

**Programa educativo das mostras Amilcar de Castro e Arte Popular – Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília (Manual dos Professores).**

## **6.2 – Planos de aulas**

### **Dados:**

Local de estágio: Centro de Ensino Fundamental GAN

Disciplina: Artes Visuais

Período: 7º Ano (6ª série)

Turmas: A (2 primeiros horários da sexta-feira) e D (2 últimos horários da quarta-feira)

Duração de aula: 1 h e 50 min./aula (Equivalente a 5 aulas duplas em cada turma)

Quantidades de alunos: 30 (em média de cada turma)

### **Aula 1 e 2**

#### **Título da aula:**

Revisão sobre Elementos da Linguagem Visual

#### **Tema: (foco de estudo)**

Elementos da Linguagem Visual:

Introdução aos Elementos da Linguagem Visual (Ponto, Linha, Forma, Movimento, Cor, Textura, Equilíbrio, Padrão, Ritmo e Análise de imagens de todo tipo).

#### **Objetivos:**

Fazer com que o aluno possa compreender de maneira crítica e reflexiva os elementos da imagem em todo tipo de manifestação artística e imagens em geral. E que, com isso, possam desenvolver trabalhos práticos relacionando os elementos da imagem e ter competência para fazer análise de imagens.

#### **Metodologia:**

Aula expositiva: Destinada a explicar cada elemento visual da imagem.

Aula participativa: Apontamentos pelos alunos acerca dos elementos visuais nas imagens apresentadas. Busca de imagens pelos alunos para exemplificar cada elemento da imagem.

#### **Procedimentos:**

Apresentar o conceito de cada elemento da imagem utilizando a apresentação de *slide* por meio da TV. Ao final distribuir aos alunos materiais para busca e pesquisa de imagens

relacionadas aos conceitos dados na aula, visando orientação e reflexão sobre a compreensão e análise das imagens pelos alunos.

**Recursos Materiais:**

Revistas, jornais, catálogos de exposições, livros de artes e imagens de artistas.

**Recursos Físicos:**

TV de Plasma de 42" com entrada VGA (essa TV ficava localizada na biblioteca da escola)

**Avaliação:**

Avaliação contínua:

Observar se os alunos compreendem crítica e reflexivamente o conceito e a importância dos elementos de imagens nas produções artísticas e no nosso meio cultural.

Será avaliada a participação dos alunos na pesquisa de imagens e na compreensão dos objetivos da aula.

Será avaliada a análise das imagens feitas pelos alunos.

**Observações:**

A Apresentação de *Slide* utilizada para a execução dessa aula está em anexo como CD-ROM, identificada como: *Slide* de Elementos da Linguagem Visual. O conteúdo utilizado foi retirado do livro citado na bibliografia.

**Comentários:**

A turma "A" mostrou-se bastante dispersa; foi preciso chamar muito a atenção desses alunos para fazerem silêncio e prestarem a atenção no conteúdo apresentado. Tive que expor e ao mesmo tempo instigar a curiosidade deles, fazendo perguntas e reafirmações. Mas, em média, obtive bom retorno com relação ao entendimento crítico deles. A cada imagem apresentada, eu instigava a leitura de imagens feita por eles. A turma "D" foi menos dispersa e mais participativa. Foi feita também a leitura de imagens. A compreensão dos alunos sobre os elementos da linguagem visual foi bastante produtiva, pois eles conseguiam identificar cada uma delas; só precisavam de uma orientação de como analisá-las.

**Bibliografia:**

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 236 p.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. 15. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan 543 p.

**Aula 3 e 4**

**Título da aula:**

Arte e Cultura Popular Brasileira

**Tema: (foco de estudo)**

Introdução: Arte e Cultura Popular Brasileira

a) Conceito de Cultura Popular:

- Cultura popular/cultura erudita
- Folclore
- Música
- Dança
- Religiosidade
- Comidas típicas
- Regionalismo brasileiro
- Arte popular/artesanato

**Objetivos:**

Fazer com que o aluno possa compreender de maneira crítica e reflexiva o conceito de Cultura Popular no contexto histórico-social brasileiro e as suas influências para a cultura do país como patrimônio de identidade cultural.

**Metodologia:**

Aula expositiva: Destinada a explicar o conceito de Cultura Popular Brasileira.

Aula participativa: Destinada aos comentários e exemplificações de conceitos levantados pelos alunos.

**Procedimentos:**

Apresentar o conceito de Cultura Popular Brasileira utilizando a apresentação de *slide* por meio do *Datashow*; utilizando, também, livros de arte popular.

**Recursos Materiais:**

Livros e catálogos de arte.

**Recursos Físicos:**

*Datashow*. (material disponível na escola para uso dos professores, com pedido de reserva prévia).

**Avaliação:**

Avaliação contínua:

A cada aula observar se os alunos compreendem crítica e reflexivamente o conceito de Cultura Popular Brasileira.

Será avaliada a participação e a atenção, através de perguntas orais que reforcem o conteúdo apresentado.



**Observações:**

A Apresentação de *Slide* utilizada para a execução dessa aula está disponível em anexo como CD-ROM, identificada como: *Slides – Arte e Cultura Popular Brasileira*. O Livro utilizado para demonstrar imagens encontra-se na relação de bibliografia. Os vídeos apresentados acham-se disponíveis também no CD-ROM – Identificados da mesma forma como na apresentação de *Slide: Slide – Arte e Cultura Popular Brasileira*.

**Comentários:**

A turma “A” mostrou-se bastante dispersa; foi preciso chamar muito a atenção dos alunos para fazerem silêncio e prestar a atenção no conteúdo apresentado. Tive que expor o conteúdo e ao mesmo tempo instigar a curiosidade deles por meio de perguntas e reafirmações, mas, em média, consegui bom retorno com relação ao entendimento crítico deles, vejo todavia ainda faltar muito desenvolvimento da parte deles em relação à importância do motivo apresentado como objeto de estudo a se compreender e valorizar. A turma “B” mais uma vez foi menos dispersa e mais participativa, demonstrando porém o mesmo problema da falta de desenvolvimento em relação à importância do motivo apresentado. Fiz o possível para abordar, em sala, a importância da arte popular como instrumento de reconhecimento da identidade cultural.

**Bibliografia:** (Periódicos)

AGUILAR, Nelson (org.). *Mostra do Redescobrimento – Arte Popular*. Fundação Bienal de São Paulo. São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000.

*Programa educativo das mostras Amilcar de Castro e Arte Popular – Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília (Manual dos Professores).*

*Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Arte e Cultura Popular*. Nº 28/1999 – IPHAN/Ministério da Cultura (Organização Elizabeth Travassos).

*Um conceito em perspectiva – Museuafrobrasil – Secretaria municipal de cultura (Instituto Florestan Fernandes). (Organização Emanuel Araujo).*

**Aula 5 e 6****Título da aula:**

Arte e Cultura Popular Brasileira (continuidade)

**Tema: (foco de estudo)**

Introdução: Arte e Cultura Popular Brasileira

a) Conceito de Cultura Popular:

- Cultura popular/cultura erudita

- Folclore
  - Música
  - Dança
  - Religiosidade
  - Comidas típicas
  - Regionalismo brasileiro
  - Arte popular/artesanato
- b) Arte Popular Brasileira
- Artistas (biografias)
  - Técnicas: Cerâmica, pintura, escultura, desenho e xilogravura.

**Objetivos:**

Fazer com que o aluno compreenda de maneira crítica e reflexiva o conceito de Cultura Popular no contexto histórico-social brasileiro e as suas influências para a cultura do país como patrimônio de identidade. Reconhecer em cada artista a sua técnica na arte popular e sua influência na cultura popular brasileira.

**Metodologia:**

Aula expositiva: Destinada à apresentação de obras com a sua respectiva técnica e seu artista.  
Aula participativa: Destinada à leitura de imagens no decorrer de cada obra apresentada.

**Procedimentos:**

Apresentar as obras com a sua respectiva técnica e seu produtor; mostrando vídeos para exemplificar utilizando a apresentação de *slide* por meio do *Datashow*; utilizando também livros de arte popular.

**Recursos Materiais:**

Livros de Arte Popular e catálogos de arte.

**Recursos Físicos:**

Datashow e caixas de som. (materiais disponíveis na escola, para uso dos professores com pedido de reserva prévia).

**Avaliação:**

Avaliação contínua:

Observar se os alunos compreendem crítica e reflexivamente o conceito de cada técnica.

Será avaliada a participação e a atenção dos alunos na leitura de cada imagem apresentada.

**Observações:**

A Apresentação de *slide* utilizada para a execução dessa aula acha-se disponível em anexo como CD-ROM, identificada como: *slides – Arte e Cultura Popular Brasileira*. O Livro utilizado para demonstrar imagens está na relação de bibliografia.

**Comentários:**

A turma “A” é sempre mais dispersa do que a “D”, porém em geral as duas turmas apresentaram bom desenvolvimento na leitura e compreensão de cada imagem apresenta. Durante a apresentação das imagens, eu instigava os alunos a perceberem que a representação nas produções dos artistas populares se relacionava ao cotidiano popular; que tudo fazia parte da maneira de viver e de contar uma história.

**Bibliografia utilizada:** A mesma da aula anterior.

**Aula 7 e 8****Título da aula:**

Leitura de imagem e produção de obra prática individual

**Tema: (foco de estudo)**

Leitura de imagem:

- a) Descrição
- b) Análise
- c) Interpretação



I – Os Retirantes  
 Vitalino Filho (filho de Mestre Vitalino)  
 Sem data  
 Barro cozido policromado  
 Aproximadamente 20 x 31 x 11,5 x 21 cm  
 Museu do Folclore Rossini Tavares de Lima  
 São Paulo.

Desenvolvimento de obra individual

- a) Apresentação de técnicas e suportes: (cerâmica, pintura, desenho, escultura e xilogravura).
- b) Desenvolvimento de projetos de obras individuais: (massinha de modelar, pintura, desenho e isopor-gravura).
- c) Apresentação dos trabalhos individuais.

**Objetivos:**

Fazer com que o aluno possa ter a possibilidade de praticar a leitura de uma imagem pertencente à cultura popular, utilizando-se da metodologia de descrição, análise e interpretação. Propiciar que ele possa também ter a capacidade de reproduzir uma obra prática individual que sintetize seu conhecimento acerca do tema: Arte e Cultura Popular Brasileira, com o desenvolvimento de uma poética individual em relação à manifestação popular.

**Metodologia:**

Aula dialógica: Destinada à participação dos alunos e intervenção do professor na leitura da imagem.

Destinada também para o desenvolvimento direto da obra individual, com orientação e definição junto ao professor.

**Procedimentos:**

Na execução da leitura de imagem, apresentar por meio do *Datashow*, a imagem I, (Os Retirantes – Vitalino Filho – Barro cozido policromado) a qual os alunos farão a descrição, a análise e a interpretação. Na execução do desenvolvimento da obra prática individual, serão apresentados e conceituados os tipos de suportes e técnicas que os alunos poderão utilizar para seus trabalhos individuais, sendo elas: massinha de modelar, como alternativa de suporte para se trabalhar a técnica da cerâmica de barro e da escultura; a pintura, o desenho e o isopor-gravura, como alternativa de suporte para se trabalhar a técnica da xilogravura.

**Recursos Materiais:**

Papéis A4 para a execução dos desenhos e para a impressão das gravuras, Papéis cartão A3 para a execução da pintura, chapas pequenas de isopor para a gravação, pincéis, tintas guache coloridas, lápis 6b, lápis de cores, rolo de tinta pequeno para a impressão da gravura, tigelas para mistura de tinta, tigela de água e pano limpo.

**Recursos Físicos:**

*Datashow* e mesas.

**Avaliação:**

Será avaliada a execução da leitura de imagem feita pelos alunos individualmente:

Modelo:

Leitura de imagem: (descrição, análise e interpretação). Feita em uma folha a parte para ser entregue ao professor para avaliação. Será considerada a observação e compreensão de cada elemento visual na imagem.

Será avaliada a participação do aluno no desenvolvimento da obra prática individual.

**Observações:**

Uma fotocópia de um exemplar de leitura de imagem, de cada turma, feitas pelos alunos está disponível em anexo.

**Comentários:**

As duas turmas fizeram a leitura de imagem; nas duas obtive variadas leituras de imagens, algumas bem detalhadas e cumprindo o que foi pedido, mas a maioria só demonstrou a compreensão de descrição, misturando com análise e interpretação, outros só faziam a descrição. Mas em geral, tiveram uma boa compreensão da imagem apresentada.

Na execução da obra prática individual, tive problemas: a maioria dos alunos não se lembrou de levar os materiais, e a sala era precária para se trabalhar com tinta, pois não tinha suporte para tal atividade. Tive que, como solução, levar parte do material e usar a sala e também parte do auditório como ambiente de trabalho.

**Bibliografia:** A mesma da aula anterior.

**Aula 9 e 10**

**Título da aula:**

Apresentação dos trabalhos finais e conclusão

**Tema: (foco de estudo)**

Continuidade do desenvolvimento da obra prática individual.

Apresentação das obras práticas: (com descrição, análise e interpretação do seu próprio trabalho).

- a) Massinha de modelar
- b) Desenho
- c) Pintura
- d) Isopor-gravura

**Objetivos:**

O objetivo é fazer com que o aluno possa apresentar seu trabalho prático, mostrando a relação de seu trabalho com o tema principal, descrevendo, analisando e interpretando para toda a turma.

**Metodologia:**

Aula participativa: Destinada a apresentação dos trabalhos práticos feitos pelos alunos para toda a turma.

**Procedimentos:**

Os alunos serão chamados um a um para a apresentação dos trabalhos individuais para toda a turma, depois será feita a avaliação acerca da execução e apresentação das obras.

**Recursos Materiais:**

Os mesmos da aula anterior.

**Recursos Físicos:**

Nenhum

**Avaliação:**

Será avaliada a execução da obra e a sua apresentação:

Será considerado se o aluno atingiu a proposta de fazer algo relacionado à arte popular, utilizando as técnicas e os suportes sugeridos. Será considerado o entendimento sobre seu próprio trabalho.

**Observações:**

As fotografias dos trabalhos práticos dos alunos (um de cada técnica) estão nas imagens de II a V (turma A) e de VI à VIII (turma D), e disponíveis integralmente em anexo como CD-ROM, nas pastas eletrônica identificadas respectivamente como: Trabalhos práticos da 6ª A e Trabalhos práticos da 6ª D. Nas pastas estão as fotografias dos trabalhos práticos das técnicas de desenho, pintura, massinha de modelar e isopor-gravura, também terá as fotografias dos suportes (matrizes) das gravuras e uma fotografia de um exemplar de uma leitura de imagem. A relação do controle de notas e a avaliação das turmas pela proposta do programa de disciplina, foi feita mas não estará disponível em anexo, por conter informações pessoais dos alunos.

**Comentários:**

Grande parte dos Alunos das duas turmas executaram bem a proposta do trabalho prático individual relacionado ao tema principal. Fiquei impressionado, particularmente, com a execução da técnica de isopor-gravura que teve grande destaque em participação e interesse. Na avaliação final tive bom retorno dos alunos. Apesar da dispersão no decorrer das aulas teóricas, grande parte se dedicou e concluiu suas atividades. Obtive dessa forma, boas notas da maioria dos alunos nas duas turmas.



II – Massinha de modelar.



III – Desenho feito a grafite.



VI – Pintura feita com tinta guache.





V – Gravura feita a partir de matriz de isopor e impressa com tinta guache.



VI – Desenho feito a partir de lápis de cores.



VII – Pintura feita com tinta guache.





VIII – Gravura feita a partir de matriz de isopor e impressa com tinta guache.

## CONCLUSÃO

Ao encerrar minha pesquisa e busca por um propósito que fizesse diferença no meu objetivo nesse TCC, muitas reflexões e novas possibilidades surgiram no decorrer desse processo. Findo, mas sabendo que minha pesquisa não deverá cessar, procurarei sempre melhorar e aperfeiçoar.

Através do presente trabalho de conclusão de curso, pude mergulhar em um universo de grandes possibilidades e reflexões críticas, na busca da importância e valor da arte popular no contexto escolar como resgate de identidade cultural. Notei que esse resgate, não precisa ser necessariamente cultural, podendo ser o resgate pelo respeito, pela valorização e compreensão por outros motivos que não fazem parte direta de nossas vidas, ou achamos que não fazem. No caso, trabalhar com os alunos o tema arte popular, traz para a sala de aula um contexto artístico de manifestações que revelam o cotidiano do povo, as origens culturais, que possibilitam conhecer melhor a identidade, os propósitos e o desenvolvimento de um determinado povo. E com isso, será possível fazer com que os alunos possam enxergar e refletir sobre sua própria construção e identidade cultural, observando e analisando o meio em que vive.

A elaboração do programa de disciplina e planos de aulas foi tentativa minha de fazer algo que se distanciasse do que presenciei em estágio supervisionado, onde pouca teoria era dada e pouca reflexão e discussão sobre temas e objetivos aconteciam. Com o trabalho prático, minha busca pela elaboração de aulas, objetivava na didática de estudo e compreensão crítica acerca do tema.

Foi possível estabelecer prováveis valores e questionamentos acerca da definição sobre arte popular, e estes não devem se restringir à determinação de distinção e classificação das manifestações populares, pois deve-se dar valor principalmente à importância da iniciativa popular como meio cultural, seja regional, de origem urbana ou rural como polo constituinte sócio cultural.

Surgiram então, a partir de minha experiência em estágio supervisionado, outras possibilidades através da pesquisa e compreensão dos valores acerca da cultura popular. Meu objetivo não é o de que a arte popular seja mais valorizada do que a arte contemporânea visada de novas tecnologias e conceitos, mas que ela possa ter o mesmo lugar de importância e valor nos parâmetros educativos.

Acredito que se eu tivesse um ambiente melhor e apropriado para trabalhar com os alunos, um melhor resultado eu iria ter. Mas sei das grandes dificuldades e sei que terei que me adaptar e criar estratégias para um bom desenvolvimento para as aulas. Para isso fico feliz pelos resultados, pois acredito que se eu tivesse mais tempo e mais autonomia, poderia alcançar muito mais do que planejei.

A metodologia de leitura de imagens mostrou-se bastante importante para a compreensão dos alunos para o contexto da arte popular, com isso foi possível fazê-los compreender melhor a função do tema abordado. Sei que isso não fica muito evidente para os alunos, porque é como se nós educadores quiséssemos atingir um resultado, onde somente nós saberemos o que há por trás. Mas acho muito importante que o próprio aluno saiba o porquê do tema ou conteúdo a ser estudado, para que ele tenha crítica e um estudo com mais motivação e clareza dos objetivos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Malba; PARENTE, Mercês. **Tradição e Permanência: o fazer artístico em Brasília**. (Coleção arte em Brasília – cinco décadas de cultura). Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2012.

AGUILAR, Nelson (org.). **Mostra do Redescobrimento – Arte Popular**. Fundação Bienal de São Paulo. São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 12ª edição - São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

ARRIAGA, Imanol Aguirre. Ana Mae Barbosa: ou como navegar entre a Fidelidade a um Ideário e a “Incessante Busca de Mudança”. In: BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 8ª ed. - São Paulo: Perspectiva, 2012, p. XI – XXIV.

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 8ª ed. - São Paulo: Perspectiva, 2012.

\_\_\_\_\_. **Arte-Educação no Brasil**. 6 ed. - São Paulo: Perspectiva, 2010a.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias internacionais**. 3ª ed. - São Paulo: Cortez, 2010b.

BARDI, Lina Bo. **Tempo de grossura: o design no impasse**. São Paulo: Editora Instituto Lina Bo Bardi, 1994.

BEUQUE, Jacque Van de. Arte popular brasileira. In: AGUILAR, Nelson (org.). **Mostra do Redescobrimento – Arte Popular**. Fundação Bienal de São Paulo. São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000, p. 64 – 91.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. (5ª a 8ª séries) – Brasília: MEC/SEF, 1998.

Disponível em:

<<http://173.203.31.59/UserFiles/P0001/Image/PCNsEnsinoFundamental2/Arte.pdf>>

Acesso em: 11 dezembro 2012

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. [tradução Jefferson Luiz Camargo]. 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 1ª edição/2ª reimpressão – Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **Currículo: Educação Básica – Ensino Fundamental – Séries anos finais**. Secretaria de Estado de Educação. Subsecretaria de Educação Básica, 2010.  
Disponível em: <[http://www.se.df.gov.br/wp-content/uploads/pdf\\_se/links\\_paginas/cur\\_ed\\_basica/curriculo\\_fundamental\\_anosfinais.pdf](http://www.se.df.gov.br/wp-content/uploads/pdf_se/links_paginas/cur_ed_basica/curriculo_fundamental_anosfinais.pdf)>  
Acesso em: 11 dezembro 2012

GUIMARÃES, Leda Maria de Barros. **Módulo 25: Arte e Cultura Popular**. (Licenciatura em Artes Visuais) - Série GTArtes. Brasília, 2011. p. 60.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 18ª ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MASCELANI, Maria Angela. A Casa do Pontal e suas coleções de arte popular. In: TRAVASSOS, Elizabeth (org.). **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Arte e Cultura Popular**. Nº 28/1999 – IPHAN/Ministério da Cultura, p. 121 – 155.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PRESIDENTE DA REPÚBLICA. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394/96**. – 1996, p. 31  
Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>  
Acesso em: 13 Março 2013.

MORRIS, Christine Ballengee; DANIEL, Vesta A. H; STUHR, Patricia L. Questões de diversidade na educação e cultura visual: comunidades, justiça social e pós-colonialismo. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias internacionais**. 3ª ed. - São Paulo: Cortez, 2010b, p. 264 – 276.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de; ADRIÃO, Theresa (org.). **Gestão, financiamento e direito à Educação: análise da Constituição Federal e da LDB**. 3ª edição – São Paulo: Xamã, 2007.

TRAVASSOS, Elizabeth (org.). **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Arte e Cultura Popular**. Nº 28/1999 – IPHAN/Ministério da Cultura  
Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3205>>  
Acesso em: 25 Janeiro 2013.

VALADARES, Clarival do Prado. Primitivos, genuínos e arcaicos. In: AGUILAR, Nelson (org.). **Mostra do Redescobrimento – Arte Popular**. Fundação Bienal de São Paulo. São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000, p. 92 -121.

## ANEXO

### ORIENTAÇÕES CURRICULARES

ARTES VISUAIS - 6ª SÉRIE/7º ANO

LETRAMENTO E DIVERSIDADE

Produção, Análise e Contextualização sócio histórica.

#### **Habilidades:**

- Analisar compreender e reconhecer as diferentes linguagens, como forma de comunicação humana.
- Identificar e compreender a produção visual como produto cultural sujeito à análise e ao entendimento.
- Pesquisar e elaborar formas pessoais de registro das atividades realizadas em Artes Visuais.
- Identificar e conhecer as produções visuais no período da Pré-História.
- Indicar nas produções visuais o uso dos elementos básicos da linguagem visual utilizados para comunicar, esteticamente, sentido e significados.
- Identificar as influências religiosas nas produções visuais no período Colonial – As influências dos Jesuítas e a relação da Igreja com o Barroco brasileiro.
- Identificar e entender as influências e as interações das produções visuais indígenas, negras e portuguesas do período colonial brasileiro ao Império.
- Conhecer, valorizar e respeitar os espaços reservados à Arte, reconhecendo sua importância para a construção e a preservação dos bens artísticos e culturais brasileiros.
- Identificar diferentes meios de comunicação, o uso e a apropriação das produções de artistas consagrados para veicular sentidos e significados.
- Identificar, respeitar e valorizar no âmbito familiar, no escolar e no regional, a diversidade cultural.
- Reconhecer e compreender as diferentes linguagens artísticas como forma de comunicação.
- Detectar e reconhecer as influências estrangeiras europeias da Missão Artística Francesa nas produções visuais brasileiras – As expressões Neoclássicas e o Academicismo brasileiro.

- Investigar e identificar as diferentes representações artísticas como linguagem estética e comunicacional.
- Reconhecer e identificar a relação básica entre o emissor, a obra e o espectador.
- Conhecer e utilizar os elementos básicos da linguagem visual em diferentes possibilidades expressivas.

126

**Conteúdos:**

- Arte Rupestre na Europa (período Paleolítico e Neolítico): o sentido mágico da arte; O Naturalismo; materiais e pigmento. Substituição da vida nômade do Paleolítico pelo sedentarismo e sua influência na arte
- Abandono do estilo naturalista e surgimento de um novo estilo (geometrizante) que originou, mais tarde, a escrita pictográfica, as primeiras esculturas neolíticas em bronze
- As culturas da antiguidade: Egípcios, Gregos e Romanos; Principais características
- A influência da Igreja Católica nas produções artísticas no período da Idade Média
- A arte europeia no Brasil; A presença dos Jesuítas. A contribuição dos Holandeses
- A arquitetura Colonial – arquitetura civil e religiosa. Técnica de construção (taipa de pilão e construção com muros de pedras), as talhas, as pinturas e esculturas e seus grandes mestres
- O Barroco tardio. As diferenças regionais do Barroco brasileiro. A grande contribuição do negro no desenvolvimento e riqueza do Barroco colonial brasileiro. Mestre Ataíde e Aleijadinho. O Barroco como o primeiro estilo artístico brasileiro
- O estilo Neoclássico introduzido no Brasil pela Missão Artística Francesa. Principais artistas da Missão Artística Francesa. A primeira Escola de Belas Artes.
- O Academicismo brasileiro - Artistas brasileiros oriundos da Academia Nacional de Belas Artes
- O ambiente do século XVIII na Brasil – O nascimento da fotografia; A presença dos cientistas
- O Romantismo - A expressão nacionalista nas artes brasileiras.
- Realismo / Naturalismo no Brasil
- O Eclétismo e o *Art Nouveau* no Brasil
- Técnicas e prática de gravura em geral, com especial ênfase na xilogravura ilustrativa da literatura de cordel.
- A contribuição de J. Borges à xilogravura brasileira.



- A arte popular Brasileira - As principais manifestações Visuais da Arte Popular Brasileira (colunas, carrancas, bonecos, tecelagem etc.).
- Expressões artísticas de Heitor dos Prazeres, Mestre Vitalino, Nhô Cabloco, Arthur Pereira e outros.
- Estudo dos elementos estéticos da cultura Afro-Brasileira.

Fonte: Currículo: Educação Básica – Ensino Fundamental – anos finais.